

Boa Nova para cada dia / Agosto 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo Comum – *Transfiguração do Senhor / Assunção da Virgem Santa Maria*

Qua, 1 – SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO (Memória)

Jer 15, 10.16-21 / Slm 58 (59), 2-5a.10-11.17 / Mt 13, 44-46

... foi vender tudo quanto possuía e comprou essa pérola. (Evang.)

O reino de Deus é mais valioso que tudo. Mas será que o nosso coração sente isso? Sim, sente. Nós sentimos que o amor é mais valioso que tudo, mas sentimos isso em abstrato. E quando vamos amar, os defeitos do amado tornam o reino dos Céus mais difícil de alcançar. Quer dizer, o que em abstrato nos parece linear, na prática é uma linha quebrada. É esforço a esforço que chegamos ao reino dos Céus. Rezemos para que sejamos esforçados.

Qui, 2 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM

Jer 18, 1-6 / Slm 145 (146), 2abc.2d-4.5-6 / Mt 13, 47-53

Todo o escriba instruído sobre o reino dos Céus é semelhante a um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas. (Evang.)

A nossa perspetiva do reino dos Céus é velha mas também nova. Há muitas coisas do nosso passado que olhamos de maneira diferente «sempre» que pensamos nelas. É importante meditarmos sempre, com a ajuda do Espírito Santo, no que nos aconteceu, no que nos está a acontecer e nos nossos projetos. O Espírito Santo não tem que ficar a «olhar» de fora para dentro, mas devemos imbuir as nossas ações com Ele, com a sua luz, com a sua força.

Sex, 3 – SEMANA XVII DO TEMPO COMUM / 1ª SEXTA-FEIRA

Jer 26, 1-9 / Slm 68 (69), 5.8-10.14 / Mt 13, 54-58

De onde Lhe vem esta sabedoria e este poder de fazer milagres? (Evang.)

Os conterrâneos de Jesus rejeitavam o que Ele dizia e fazia por Ele não pertencer às classes instruídas na Lei. Era um preconceito que nós ainda temos. Os doutores ainda têm mais prestígio do que as pessoas com profissões manuais. Rezemos para acabarmos com esse preconceito e olharmos o outro no seu coração. Para começarmos a acabar, porque isto está completamente enraizado em nós. Não vai sair, nem hoje, nem amanhã, nem daqui a 10 anos.

Sáb, 4 – S. JOÃO MARIA VIANEY (Memória) / 1º SÁBADO

Jer 26, 11-16.24 / Slm 68 (69), 15-16.30-31.33-34 / Mt 14, 1-12

O rei ficou consternado, mas por causa do juramento e dos convidados... (Evang.)

É possível que Herodes, quando fez aquele juramento, já estivesse «tocado». Aplicando isto a nós: um ato mais descontraído pode levar a outro mais descontraído e ainda magoamos alguém com algum comentário inconveniente. Ou mesmo sem «descontração», mas simplesmente porque temos uma personalidade mais angulosa. Hoje é dia de rezarmos pela fraternidade. Para que se aplique a nós aquele preceito da 1ª Carta aos Coríntios que diz que o amor não é inconveniente.

Dom, 5 – DOMINGO XVIII DO TEMPO COMUM – Ano B

Ex 16, 2-4.12-15 / Slm 77 (78), 3.4bc.23-25.54 / Ef 4, 17.20-24 / Jo 6, 24-35

Eu sou o Pão da vida, diz o Senhor à multidão reunida à sua volta. Esta afirmação de Jesus coloca-nos no núcleo da nossa fé cristã que é a Eucaristia. Quando Jesus afirma que é o Pão da vida está a dizer uma metáfora, isto é, está a dizer alguma coisa que nos leva «para lá». É sempre assim a linguagem metafórica: leva-nos para lá de nós mesmos, até àquela realidade que se quer comunicar. Jesus convida-

-nos a compreender «para lá» daquilo que as palavras dizem, convida-nos a sermos místicos, isto é, homens e mulheres capazes de ler os sinais da vida e compreender «para lá» da aparência e ver o que nos está a dizer Deus no concreto desta peregrinação em direção ao Pai que é a nossa vida, com os seus altos e baixos.

Jesus diz-nos que Ele é o Pão da vida. O pão é o símbolo da vida e

Ele é a Vida que ama o Pai e os irmãos. Viver não é simplesmente sobreviver, é amar. A nossa vida realiza-se no amor. A nossa vida é constituída por aquelas relações de amor que nos unem uns aos outros. Diz S. João que «quem não ama, permanece na morte» (1 Jo 3, 14b). Mesmo que respire, coma e beba e vá trabalhar todos os dias, *quem não ama está morto*, porque a Vida é o Amor. Identificando-Se como «Pão», que é simultaneamente *fruto da bondade de Deus e do nosso trabalho*, como dizemos em cada Eucaristia, Jesus identifica-Se como sendo o *alimento* mais básico, mais fundamental e elementar para a nossa vida.

Quanto é para nós difícil perceber estas coisas... O Evangelho deste domingo mostra-nos como a multidão que tinha assistido ao milagre da multiplicação dos pães vai à procura de Jesus não porque quer viver ligada ao Senhor e alimentar-se da sua vida, mas porque procura se-

guranças materiais. Na verdade, muitos de nós continuamos mais à procura do Senhor porque procuramos seguranças, queremos que Ele nos proteja quando fazemos uma viagem ou pretendemos que nos cure de uma doença, do que à procura de viver como Ele, com Ele e n'Ele. Muitas vezes, *de-sejamos mais os dons de Deus do que a vida do Deus de todos os dons*. Somos como galinhas atrás de quem lhes dá o milho que garante esta vida e ignoramos o Pão que nos dá a Vida abundante e eterna, aquela que nos coloca em comunhão com os nossos irmãos e as nossas irmãs.

O pão alimenta a vida, mas não é a vida. A Vida é acolher o mundo como dom de Deus, dom do amor de Deus. É viver por amor as dores, os sofrimentos, as alegrias e tudo de bom que recebemos; é viver a Vida que se dá por amor, vendo em cada homem e em cada mulher um irmão e uma irmã.

Seg, 6 – TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR (Festa)

Dan 7, 9-10.13-14 / Slm 96 (97), 1-2.5-6.9.12 / 2 Pedro 1, 16-19 / Mc 9, 2-10
Este é o meu Filho muito amado. (Evang.)

A certa altura do seu caminhar, estes Apóstolos hão de ter percebido – experimentado – que também eram filhos muito amados. E talvez se tenham lembrado das palavras do Pai no «alto monte»: «Este é o meu Filho muito amado». É possível que se tenham perguntado: «Será que

o Pai dirá isto sobre mim?» Com certeza, o leitor sabe que o Pai diz isto sobre si. E o leitor sente-o? O que é que esta realidade mística significa para si? Hoje, o leitor peça a Pedro ou Tiago ou João que o ajudem a interiorizar que é o filho muito amado do Pai.

Ter, 7 - SEMANA XVIII DO TEMPO COMUM

Jer 30, 1-2.12-15.18-22 / Slm 101 (102), 16-21.29 e 22-23 / Mt 14, 22-36

[Jesus] subiu a um monte, para orar. (Evang.)

Na Bíblia, simbolicamente, Deus é encontrado no cimo dos montes. Jesus foi ter com o Pai. Foi onde o Pai «estava». Dirigiu-Se ao local mais propício para a sua oração. Hoje, o leitor veja se reza no local mais propício para a sua oração. Talvez sim. Não estou a dizer que não o faça. Estou só a dizer que pense (medite) sobre isso. Não haverá outro sítio melhor? Outra posição melhor?

Qua, 8 - S. DOMINGOS (Memória)

Jer 31, 1-7 / Jer 31, 10-12ab.13 / Mt 15, 21-28

Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. (Evang.)

Jesus, que é o Bom Pastor, é-nos enviado, porque uma parte de nós, pecadores, está sempre «perdida». É uma suavidade. Será o contraponto daquele Jesus mau que nos vem exigir sacrifícios, dores e desapegos. Pensar assim é errado. Espiritualmente, Jesus exige de cada um o que é melhor para cada um, para que cada um se sinta bem do ponto de vista espiritual. Hoje, o leitor peça a Jesus que Ele lhe dê o que tem previsto para si.

Qui, 9 - SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ (Festa)

Os 2, 16b.17b.21-22 / Slm 44 (45), 11-12.14-17 / Mt 25, 1-13

Enquanto elas foram comprá-lo, chegou o esposo. (Evang.)

As insensatas não estavam prontas, como são insensatos os que constroem sobre a areia. É uma parábola que nos adverte contra uma

certa frivolidade, contra uma certa cabeça no ar, contra o viver pela «espuma dos dias». Temos que ir enchendo de azeite a nossa almotolia, todos os dias, através da oração e da caridade, conforme a nossa personalidade. Hoje, façamos um pequeno exame de consciência sobre a nossa oração e a nossa caridade.

Sex, 10 – S. LOURENÇO (Festa)

2 Cor 9, 6-10 / Slm 111 (112), 1-2.5-9 / Jo 12, 24-26

Deus ama aquele que dá com alegria. (1ª Leit.)

O leitor já reparou na alegria com que damos uma moedinha na missa ou para a Liga Portuguesa Contra o Cancro? Oh, que infelizes ficaríamos se déssemos uma nota, se fossemos generosos! E o nosso orçamento familiar ia abaixo. Hoje, o leitor reze sobre isso e sobre que exemplo dá na missa.

Sáb, 11 – SANTA CLARA (Memória)

Hab 1, 12 – 2, 4 / Slm 9, 8-13 / Mt 17, 14-20

Se tiverdes fé comparável a um grão de mostarda, direis a este monte: «Muda-te (...)», e ele há de mudar-se. (Evang.)

Isto é uma imagem. Jesus não nos queria a mexer com as leis da Física. O que Jesus nos quer dizer é que a fé – os pedidos feitos com fé – têm muito poder. Isso é verdade. Mas para esses pedidos serem atendidos têm que ser vontade de Deus. Além disso, a fé é uma graça que temos de pedir com fervor. Hoje, o leitor veja quais são as coisas mais prementes que quer (ou costuma) pedir a Deus – ou a Nossa Senhora de Fátima, que é uma ótima intercessora – e peça cada vez mais fé.

Dom, 12 – DOMINGO XIX DO TEMPO COMUM – Ano B

1 Reis 19, 4-8 / Slm 33 (34), 2-9 / Ef 4, 30 – 5, 2 / Jo 6, 41-51

O Evangelho deste domingo fala-nos da Eucaristia, explicitando o seu significado. Esta não é um

sinal milagroso, alguma coisa externa a nós à qual «assistimos», mas é obra de Deus, dom gratuito

e universal do seu Amor que pede a nossa resposta de fé, na qual somos «*um só corpo e um só espírito*». Não é fácil compreender isto. Não é fácil para nós, não era fácil para os judeus contemporâneos de Jesus: Ele assume-Se como sendo o «Pão» descido do Céu. «*Mas não é este o filho do José, cá da terra?*» – perguntavam-se as pessoas. «*Ou bem que é o filho do José, ou bem que é o Pão descido do Céu*». Parecem ser duas coisas incompatíveis.

Jesus vai mais longe e compara-Se ao Maná descido do céu que alimentou o povo na travessia do deserto. Para nós pode soar simplesmente a metáfora engraçada, mas para um judeu é uma blasfémia, porque o Maná era o pão que Deus mandou do céu. Para quem escutava Jesus, estas são palavras muito duras e muito difíceis de aceitar.

Pouco antes desta passagem, os judeus perguntavam a Jesus quem era Ele. Agora está a apresentar-Se, a dizer quem é. A sua identidade é-Lhe dada pela sua relação com o Pai, pela sua proximidade a Deus: o facto de ser Filho permite-Lhe chamar a Deus seu Pai. Mais: desafia cada um de nós a identificarmo-nos com Ele, a fazer o que Ele faz, a viver não só como Ele vive, cumprindo os seus mandamentos, mas a *viver a sua própria vida*.

Numa linguagem crua, em que se fala de «carne» e de «sangue», de «comer» e de «mastigar», Jesus identifica-Se como sendo Pão, o Pão que desce dos Céus. Todo aquele que o comer não tem simplesmente «vida», mas «*a Vida*», a mesma vida que habita o Filho. Claro que isto é mesmo muito difícil de acompanhar, por isso a desconfiança natural de quem O escuta: como pode um homem ou uma mulher viver de Deus? É este o problema.

A Eucaristia dá-nos *a Vida* do Filho, isto é, dá-nos a plenitude do Espírito Santo que nos habita para que a Vida Eterna, à qual somos todos continuamente chamados, possa começar já, aqui e agora, no concreto da nossa vida.

É Jesus o Pão desta Vida. Ora o pão comunica vida; o alimento mantém-nos vivos e com força. Inicialmente, a vida é mantida pelo cordão umbilical, depois passamos a viver do leite e, mais tarde, passamos a mastigar o pão. É isto que Jesus nos está a dizer: o que nos mantém na Vida verdadeira, na Vida à qual somos chamados é Jesus, é comer a sua carne, beber o seu sangue. É Ele quem nos mantém na vida. A carne de Jesus é a visibilidade concreta de Deus. E como vive Deus?

Como vive alguém que é Amor? Vive amando! Jesus vive amando o Pai e os irmãos. É isto que Jesus nos quer comunicar dando-nos a sua carne. Esta é a essência do Filho, é a essência de sermos filhos.

O que significa para nós celebrarmos juntos a Eucaristia? O que significa, no concreto da vida de cada um de nós, mastigar, assimi-

lar o Pão descido do Céu? A nossa fé não é uma coisa vaga, teórica, mas assimilar a carne, a humanidade e a divindade de Jesus até termos uma humanidade semelhante à d'Ele. No fim de contas, não somos nós que assimilamos a Eucaristia, mas somos assimilados por ela até sermos transformados naquilo que o Filho é: Amor.

Seg, 13 - SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Ez 1, 2-5.24-28 / Slm 148, 1-2a.11-14 / Mt 17, 22-27

«... matá-Lo ... ressuscitará». (Evang.)

Nós podemos matar Jesus, que Ele ressuscitará. Nós podemos pecar, que Ele continua vivo. Nós podemos zangar-nos com Jesus, que Ele NUNCA e por nenhum motivo Se zanga connosco. Um dia, apareceu-me uma pessoa que tinha andado «fora de Deus» por algum tempo e agora tinha-se voltado para Deus porque tinha uma irmã muito doente. Mas duvidava se mereceria a graça de Deus, porque só se tinha virado para Deus por um motivo interesseiro. O leitor percebe o quanto aquela certeza é importante?

Ter, 14 - S. MAXIMILIANO MARIA KOLBE (Memória)

Ez 2, 8 - 3, 4 / Slm 118 (119), 14.24.72.103.111.131 / Mt 18, 1-5.10.12-14

Não desprezeis um só destes pequeninos. (Evang.)

Se estamos maçados ou irritados, normalmente, não são «os grandes» que nos servem de escape. Não são os nossos patrões ou as pessoas num jantar de cerimónia. O problema é que tem de haver um espaço em que somos «nós próprios». Mas aqui põe-se a questão: o que é sermos nós próprios? Não conseguiremos ser nós próprios com os pequeninos sem os magoar? Ou, noutra perspetiva, interessando-nos mais por eles?

Qua, 15 – ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA (Solenidade)

Ap 11, 19a; 12, 1-6a.10ab / Slm 44 (45), 10-12.16 / 1 Cor 15, 20-27 / Lc 1, 39-56

Hoje celebramos a Solenidade da Assunção de Nossa Senhora. Recordamos o momento em que Maria, a Mãe de Deus, depois de terminada a sua missão terrena, é elevada aos Céus em corpo e alma.

No Antigo Testamento, podemos encontrar muitas promessas de Deus ao seu Povo. Tal como acontece com Maria, o Senhor prometeu a Sara, mulher de Abraão, que seria mãe (cf. *Gen* 18). Ela, porque era já idosa e já não podia ter filhos, riu-se da promessa de Deus. Não acreditou. Para ela, Deus não era capaz de dar vida. Talvez acreditasse num deus que simplesmente gozava com ela e que nunca poderia manter a sua promessa.

Com Maria foi diferente: ela sabia que o Senhor é grande e compassivo. Maria acreditou naquilo que, através do arcanjo Gabriel, Deus lhe anunciou: acreditou no sonho que Deus tinha para si. Maria não sabe o que acontecerá com a sua vida, mas sabe em quem coloca a sua confiança, por isso, diante de sua prima Santa Isabel, canta as maravilhas que o Senhor opera na sua vida.

Enquanto Sara, mulher de Abraão, está centrada em si mesma e *sabe* que, tendo em conta a sua idade, é impossível vir a ter filhos, Maria é humilde e, portanto, não põe as suas esperanças em si mesma e nas suas forças, mas na promessa do Senhor. Porque é humilde, está disponível para acolher o dom de Deus. Porque sabe nada merecer, pode receber a graça do Senhor.

Deus é amor e o amor doa-se. Mas o dom só é verdadeiramente dom para quem não o merece. Se é merecido, não é um dom, mas um prémio. A única coisa que Maria sabe é que o Senhor olhou para ela e a chamou. Ela reconhece a sua incapacidade, mas responde ao Senhor que se faça nela a sua vontade.

Porque é humilde, isto é, porque não está preocupada consigo mesma, pode afirmar: «De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações». Ela sabe que é «bem aventurada» não por méritos especiais que tenha realizado, mas porque Deus pousou sobre ela o seu olhar e porque O recebeu como dom gratuito. De modo algum ela se considerou

merecedora de tal dom, não permitiu que dentro de si crescessem os pensamentos de merecimento.

São assim os dons de Deus. Gratuitos e independentes dos nossos méritos. Quando começamos a pensar: «mas até sou bom cristão e até mereço que o Senhor me faça esta graça», já estamos a corromper o amor, a querer comprar os dons do Senhor, a querer merecer o seu Amor.

Tal como aconteceu com Maria, os dons de Deus que recebemos na nossa vida empurram-nos para a frente, fazem-nos sair de nós mesmos em direção aos outros. Quem ama e é amado não pode ficar fechado em si mesmo. É assim o Amor! Maria é uma mulher que ama e é amada, descentrada de si própria e aberta às necessidades dos outros. Ao aceitar o projeto de ser a Mãe de Deus, manifesta-se

disponível e ao serviço dos que a rodeiam. A glória de Maria vem da sua entrega generosa à lógica do reino de Deus. A Mãe coloca-se ao serviço do Filho, em obediência à vontade do Pai, guiada pela força do Espírito Santo.

É esta a forma de glorificarmos também a nossa vida, na atenção ao próximo, na gratuidade das relações que se constroem em liberdade, no desinstalar-se dos comodismos que fazem perder a sensibilidade para viver o amor na lógica do dar e receber em sintonia com a pessoa de Jesus.

Peçamos à bem-aventurada Virgem Maria que interceda por nós junto do seu Filho, para que possamos também participar da glória de Jesus, vivendo cada vez mais, com confiança e entrega generosa, à imagem e semelhança do próprio Deus.

Qui, 16 – SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Ez 12, 1-12 / Slm 77 (78), 56-59.61-62 / Mt 18, 21 – 19, 1

... quantas vezes deverei perdoar-lhe? (Evang.)

Devemos perdoar sempre, mas às vezes não conseguimos. Há casos em que a pessoa nos mete muita raiva porque continua a fazer-nos mal, ou a uma pessoa de família, ou a um amigo. Não há muito a fazer enquanto a pessoa não parar o mal que faz. Talvez rezando pelo ofendido consigamos chegar ao prevaricador. Não sei, não vejo muita saída se a raiva é muito grande. Uma hipótese é rezar ao Espírito Santo em busca de uma solução.

Sex, 17 – SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Ez 16, 1-15.60.63 ou Ez 16, 59-63 / Is 12, 2-3.4bcd.5-6 / Mt 19, 3-12
Cantai ao Senhor porque Ele fez maravilhas. (Salmo)

Já há muito tempo que não fazemos este «exercício» de contemplar a obra da Criação e de agradecer a Deus. Hoje, o leitor feche os olhos e imagine-se no meio da natureza – ou talvez esteja mesmo no meio da natureza, quem sabe se na praia – pense em como Deus criou o Universo e o planeta Terra, pense nas maravilhas que Deus fez, concentre-se em algumas, contemple-as e agradeça-as a Deus.

Sáb, 18 – SEMANA XIX DO TEMPO COMUM

Ez 18, 1-10.13b.30-32 / Slm 50 (51), 12-15.18-19 / Mt 19, 13-15
... apresentaram umas crianças a Jesus, para que lhes impusesse as mãos. (Evang.)

Proponho ao leitor que peça a Jesus para impor as mãos sobre si e rezar ao Pai por si. O leitor ponha-se na sua posição de oração preferida e imagine Jesus a fazer isso. Sobre que é que Jesus reza? Talvez ao princípio não seja muito claro. Mas o leitor deixe-se estar. Talvez se torne claro. Ou fique só a sentir Jesus a rezar ao Pai por si. Fique só a sentir a imensa ternura do Pai por si. A ternura que chega ao leitor através de Jesus.

Dom, 19 – DOMINGO XX DO TEMPO COMUM – Ano B

Prov 9, 1-6 / Slm 33 (34), 2-3.10-15 / Ef 5, 15-20 / Jo 6, 51-58

No Evangelho deste domingo continuamos o «discurso do Pão do Céu» começado no domingo passado. Jesus diz-nos que é Ele a verdadeira comida, que é Ele o Pão que nos dá a Vida. O Pão que Ele nos dá é a sua carne. Jesus quer que compreendamos que na vida há um Pão que vale mesmo a pena, um Pão que nun-

ca se acaba, um Pão que não se estraga, que é Ele. Ele faz de Si um dom para a nossa vida, para que sejamos, também nós, filhos no Filho: é n'Ele que somos feitos filhos de Deus.

Acreditar em Jesus transforma-se assim, para nós, em «mastigar» a sua carne e em «beber» o seu sangue. As palavras «beber»,

«comer», «mastigar» repetem-se insistentemente. Somos chamados a «comer» a «carne» de Cristo para termos em nós a vida, mas ainda mais: «comer», para nós, não é simplesmente um ato biológico para mantermos a vida, mas é um ato social, um ato de comunhão entre pessoas que partilham a mesa. Quando nos sentamos juntos à mesa, fazemos mais do que um mero partilhar de comida, partilhamos vida. Para nós, a refeição partilhada com outros torna-se num ato de amor. Alguém dizia, parafraseando o Evangelho: «Não só de leite vive a criança, mas de cada palavra que sai da boca da mãe».

«Comer» significa assimilar aquilo que se come, por isso, para nós, a Eucaristia é assimilar o Filho de Deus, significa fazer da vida d'Ele a nossa vida, significa «assumir», «meter dentro» aquilo que Ele é. Nós tornamo-nos naquilo que co-

memos; tornamo-nos naquilo que amamos.

Na segunda leitura, da carta aos Efésios, S. Paulo desafia-nos a viver não como *insensatos*, mas como *pessoas inteligentes*. Para isso, convida-nos a aproveitar bem o tempo, para nos enchermos do Espírito Santo, de modo que na nossa vida se possa realizar o Amor, fazendo de Cristo a nossa vida. Assim, S. Paulo mostra-nos algumas consequências de aceitar que Cristo é o nosso pão: *recitar salmos, hinos, cânticos espirituais, cantar e salmodiar no nosso coração, dando graças por tudo em todo o tempo a Deus Pai*, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. A consequência de fazer de Jesus o nosso pão é viver uma vida em que sempre e em tudo damos graças a Deus Pai, uma vida em que aprendemos a superar as nossas dificuldades e os nossos problemas com a certeza de que a nossa vida está nas mãos d'Ele.

Seg, 20 – S. BERNARDO (Memória)

Ez 24, 15-24 / Deut 32, 18-21 / Mt 19, 16-22

Ama o teu próximo como a ti mesmo. (Evang.)

A medida do amor ao outro é a medida do amor a nós. Jesus supõe que nos amamos com muita qualidade, porque Jesus há de dizer aos Apóstolos: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12). Dizendo ao contrário, o amor que temos de nos ter é, também, o amor que Jesus nos tem. Daí que tenhamos de pedir o Espírito Santo para

nos amarmos a nós próprios. Hoje, o leitor peça a luz do Espírito Santo para se amar a si próprio.

Ter, 21 – S. PIO X (Memória)

Ez 28, 1-10 / Deut 32, 26-27ab.27cd-28.30.35cd-36ab / Mt 19, 23-30

«*Que recompensa teremos?*» (Evang.)

Que recompensa vou eu ter por ter deixado tudo e vir para padre? Nunca pensei – mas mesmo nunca – que viesse a ter maior recompensa do que a Maria por se casar com o João. É a minha vocação. A minha recompensa é sentir-me feliz com a vida que levo. Pedro ainda não se sentia completamente seguro da sua vocação. Ainda não se tinha entregue de cabeça e coração. Só a cabeça é que estava a funcionar. Daí que o seu coração aspirasse por alguma coisa que o enchesse. Quando na nossa religião, na nossa oração estamos à espera de mais alguma coisa é porque talvez ainda não tenhamos percebido bem o sentido da relação com Deus.

Qua, 22 – VIRGEM SANTA MARIA, RAINHA (Memória)

Is 9, 1-6 / Slm 112 (113), 1-8 / Lc 1, 26-38 (do Santoral)

A força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. (Evang.)

A força do Altíssimo em Nossa Senhora é Jesus. Não é nenhuma força poderosa. Jesus foi manso e humilde, morreu quase sem seguidores. Mesmo hoje, Jesus tem pouca força porque é infinitamente respeitador, não força, não obriga. A bondade é voluntária. Mas a semente de mostarda que Jesus era deu um arbusto frondoso, a nossa Igreja, que perdura pela força do Altíssimo, a qual não é como a dos homens. Hoje, o leitor reze pela Igreja.

Qui, 23 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Ez 36, 23-28 / Slm 50 (51), 12-15.18-19 / Mt 22, 1-14

... *poucos os escolhidos.* (Evang.)

Bons e maus, segundo a expressão do dono da casa, que estão vestidos com o traje nupcial. Isto é, os que se prepararam para o encontro com Deus. Portanto, maus aos olhos dos homens, mas bons aos olhos de Deus. Deus vê o interior do homem. Muitos criminosos são-no porque têm malformações cerebrais. Está provado. Têm que ser detidos na mesma. Só que se tivéssemos aqueles cérebros também éramos criminosos. Por isso, não nos consideremos melhores.

Sex, 24 – S. BARTOLOMEU (Festa)

Ap 21, 9b-14 / Slm 144 (145), 10-13.17-18 / Jo 1, 45-51

O Senhor é perfeito em todas as suas obras. (Salmo)

Não parece nada que Deus tenha sido perfeito nas suas obras. Com tanta desgraça e com tanta doença, não se vê bem onde é que a obra do Senhor é perfeita. A obra do Senhor é perfeita para o fim que Ele a criou, que foi para nós progredirmos sempre e escolhermos entre o bem e o mal, apesar de todas as desgraças que nos acontecem. (Além disso, Deus não podia criar uma natureza perfeita, senão criava outro Deus.) Hoje, o leitor agradeça ter a possibilidade de escolher entre o bem e o mal.

Sáb, 25 – SEMANA XX DO TEMPO COMUM

Ez 43, 1-7a / Slm 84 (85), 9ab-10.11-14 / Mt 23, 1-12

Aquele que for o maior entre vós será o vosso servo. (Evang.)

Assim tenta ser o Papa. O Papa não quer nenhum sinal de poder. Recebe as pessoas no Vaticano porque não há condições em Santa Marta. Mas quando foi nomeado cardeal fez do palácio uma casa de repouso para sacerdotes reformados e foi viver para um apartamento. O seu gabinete de trabalho era pequeníssimo. Normalmente, com a chefia vem toda uma parafernália à qual ninguém resiste. O Papa já disse que a Igreja é uma pirâmide em que o pico está na base. O leitor reze por ele.

Dom, 26 – DOMINGO XXI DO TEMPO COMUM – Ano B

Jos 24, 1-2a.15-17.18b / Slm 33 (34), 2-3.16-23 / Ef 5, 21-32 / Jo 6, 60-69

Na sequência dos domingos anteriores, continuamos a rezar o capítulo 6 do Evangelho de São João. Logo no início deste capítulo, Jesus cria grande expectativa messiânica no milagre da multiplicação dos pães. Logo depois, diz que Ele é o *Pão descido do Céu*, que a *sua carne é verdadeira comida* e que o *seu sangue é verdadeira bebida*. Ainda mais, diz que quem não «mastigar» a sua carne, quem não beber o seu sangue não terá a Vida e que quem comer a sua carne e beber o seu sangue viverá do seu amor pelo Pai e pelos irmãos, que é o Espírito Santo.

Diante destas palavras, muitos dos seus discípulos ficaram perplexos e muito incomodados: «São palavras *insuportáveis!*», dizem eles. «Isto escandaliza-vos?», pergunta-lhes Jesus. Na verdade, podemos até estar fascinados pelas suas obras e pelos seus milagres, mas ainda não ter percebido quem é Ele. Podemos até dizer que somos cristãos, mas sem O acolher a Ele tal como é estamos muito longe de o ser verdadeiramente.

Comer a sua carne, beber o seu sangue torna-nos semelhantes a Ele e somos todos chamados a ser como Ele. Temos sempre, porém, diante de nós duas concepções diametralmente opostas do

que significa ser Deus e também ser humano. Muitas vezes, em vez de procurarmos conhecer Deus para depois O seguirmos, projetamos n'Ele os nossos receios, os nossos anseios e os nossos desejos de grandeza, fazendo um deus à nossa imagem. Um deus poderoso e milagreiro que nos protege; um deus que castiga os mal comportados e a nós, que até somos bons, dá um prémio. Um deus que manda, que tem poder, um deus dos trovões! Mas Jesus diz-nos que Deus é partilha, serviço, humildade, numa palavra: Amor. Nós queremos um deus à nossa imagem, uma espécie de super-homem que nos livra dos problemas, mas em vez disso somos salvos por um Deus que Se mete aos nossos pés e que, em vez de nos livrar dos problemas, Se mete a caminho ao nosso lado e nos dá a força para os superarmos.

Um Deus que por nós Se faz carne pode parecer-nos «pouco útil», mas qual é a «utilidade» que procuramos em Deus? Alguém que nos dê vantagens na vida? Não! O nosso é o Deus do Amor, que Se entrega por nós, que por nós Se faz último e que nos aponta o sentido da vida: o Amor.

A peregrinação da vida é uma grande oportunidade para encontrar o Amor naqueles que con-

nosco caminham. Os que andam com Jesus percebem isto: «Este não serve para nada. Não nos liberta dos poderosos». Jesus pergunta-lhes: «Quereis ir embora?». «Senhor, Tu tens palavras de vida eterna», responde Pedro em nome de todos. Esta resposta é a resposta da fé. A resposta que poderemos dar pode demorar uma vida inteira, mas é o ponto de chegada da nossa peregrinação. Pedro ainda

não percebeu quem é Jesus Cristo, ainda tem uma imagem de Deus que não é a do Deus Amor, o Pai de misericórdia de que Jesus fala; só na Paixão começará a perceber quem é realmente Jesus. A fé, no fim de contas, não é nem irracional nem obscura, mas é verdadeiro conhecimento; não é cega, mas visão real que permite a Pedro e a cada um de nós reconhecer finalmente Jesus no meio da vida.

Seg, 27 - SANTA MÓNICA (Memória)

2 Tes 1, 1-5.11b-12 / Slm 95 (96), 1-2a.2b-4a.5 / Mt 23, 13-22

... não entrais nem deixais entrar os que o desejam. (Evang.)

Certas pessoas dão a impressão de que o seu local preferido para conversar é atravessadas numa porta. Assim não deve ser conosco. Que a nossa linguagem seja «ou dentro ou fora». No Reino não há espaço para um pecadinho aqui, uma ação boa ali, e lá vamos andando todos contentes. É preciso um rumo definido. Temos que saber o que queremos, se queremos. Há pessoas que têm um ideal de vida e são fiéis a ele. Depois, dividem-no em etapas. O leitor reze sobre isso.

Ter, 28 - SANTO AGOSTINHO (Memória)

2 Tes 2, 1-3a.14-17 / Slm 95 (96), 10-13 / Mt 23, 23-26

... a justiça, a misericórdia e a fidelidade. (Evang.)

São as principais exigências da lei. A justiça, a misericórdia e a fidelidade para nos mantermos no caminho certo. Li há pouco que os ordenados das mulheres a dias estão a subir imenso em alguns sítios do país. Onde é que está a justiça? No ordenado elevado ou no menos elevado? E a misericórdia? Para além deste problema, que afetará ou pode vir a afetar algumas leitoras, onde é que se manifesta a justiça e a misericórdia do leitor?

Qua, 29 – MARTÍRIO DE S. JOÃO BATISTA (Memória)

Jer 1, 17-19 / Slm 70 (71), 1-2.3-4a.5-6ab.15ab.17 / Mc 6, 17-29 (do Santoral)
Heródiades odiava João... (Evang.)

«Herodes respeitava[-o]». Será que somos um palácio dentro do qual moram Heródiades e João? Será que respeitamos alguém a quem gostaríamos de cortar a cabeça? Isto pode acontecer no caso da inveja. Alguém ser exatamente aquilo que nós gostaríamos de ser e isso causa-nos raiva. Ou alguém que nos «descobriu a careca» num ponto particularmente sensível e também particularmente verdadeiro. Se o leitor tem alguém assim na sua vida, hoje reze por essa pessoa.

Qui, 30 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM

1 Cor 1, 1-9 / Slm 144 (145), 2-7 / Mt 24, 42-51
... a sorte dos hipócritas. (Evang.)

Por que será tão má a sorte dos hipócritas? Porque um hipócrita é uma pessoa que funciona com um coração que não é dela. Relaciona-se com um coração que não é o dela, de maneira que, depois, não pode ir para o Céu, porque ela nunca existiu. De facto, só existimos na verdade. De outra maneira, estamos a fazer viver um não-eu que não se relaciona com Deus. Isto não se dá na nossa vida toda. Mas aqueles momentos em que isso se deu, no Além vão precisar de ser transformados. (No Purgatório.)

Sex, 31 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM

1 Cor 1, 17-25 / Slm 32 (33), 1-2.4-5.10-11 / Mt 25, 1-13
... a porta fechou-se. (Evang.)

A porta foi fechada. Subentende-se, pelos criados do noivo. Por que não terá ele mandado esperar pelas outras cinco virgens? Afinal, ficava com mais cinco virgens. É porque se sentia muito magoado com a incúria das virgens. Com esta parábola, Jesus quer dizer-nos que, a partir de certa altura, não há mais tempo. Isto na vida dá-se para uma série de coisas e também para o nosso caminho para o Céu. A diferença entre ainda há tempo e já não há muito tempo é um pensamento. O leitor medite nisto.

Boa Nova para cada dia / Setembro 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – *Natividade da Virgem Santa Maria / Exaltação da Santa Cruz / S. Mateus, Apóstolo / S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael, Arcanjos*

Sáb, 1 – SEMANA XXI DO TEMPO COMUM / 1º SÁBADO

1 Cor 1, 26-31 / Slm 32 (33), 12-13.18-21 / Mt 25, 14-30

... ceifo onde não semeiei, recolho onde não espalhei. (Evang.)

Quem tem, pois, que semear? Nós. E quando é que semeamos? Por exemplo: Sempre que prestamos atenção ou falamos. As duas coisas podem ser muito difíceis. Por exemplo, eu tenho muita dificuldade em participar numa conversa. Sou um verdadeiro mono. Mas gosto de ouvir. Outras pessoas, quando estão a uma mesa não dão hipótese a mais ninguém. Têm uma inspiração inesgotável. Cada um devia semear com as sementes do outro para bem do próximo. Hoje, o leitor peça para vencer o seu carácter.

Dom, 2 – DOMINGO XXII DO TEMPO COMUM – Ano B

Deut 4, 1-2.6-8 / Slm 14 (15), 2-3a.3cd-5 / Tg 1, 17-18.21b-22.27 / Mc 7, 1-8.14-15.21-23

Reuniu-se à volta de Jesus um grupo de fariseus e escribas: os primeiros são cumpridores escrupulosos da lei e os segundos são aqueles que estudam a lei até ao mais ínfimo detalhe. Estes reparam que os discípulos de Jesus não cumprem todas as leis e comem sem a purificação ritual que estava indicada. De facto, a Lei diz que antes de comer se devem purificar as mãos e não é só por uma

questão de higiene, mas também um rito purificador que recorda que o alimento é uma fonte pura de vida, um dom do amor de Deus. Os ritos, quando são esvaziados do seu significado, correm o risco de se transformar em magia ou mera formalidade. Até com as coisas mais santas isto pode acontecer, se são esvaziadas do seu sentido. A própria Eucaristia pode ser pervertida e celebrada por mero hábi-

to, por uma conveniência minha ou até mesmo por lucro.

Jesus denuncia que uma religiosidade meramente formal, exterior, faz com que a Lei, que em si é boa, degenera em legalismo e seja reduzida a palavras e tradições que, no fim de contas, são simplesmente humanas e acabam por anular a palavra de Deus. Assim, Jesus aproveita a provocação dos escribas e dos fariseus para chamar a multidão e dizer-lhe que não há nada na natureza que nos torne impuros. O mal não está nas coisas! As coisas são boas. O mal pode estar no modo como as utilizamos.

Toda a criação existe como lugar, como casa em que somos todos chamados a viver amando *a Deus e ao próximo como a nós mesmos*. O mal está no uso que fazemos das

coisas, pervertendo-as da sua (e da nossa) finalidade. O mal está quando aquilo que sai do nosso coração não é o amor, mas o egoísmo.

«Ama e faz o que quiseres», diz-nos Santo Agostinho: o princípio do bem ou do mal não está só na nossa ação, não está no mero cumprimento ou não cumprimento de uma lei, mas no princípio que nos leva a agir. Claro que são necessárias leis que nos ajudem, mas não somos chamados ao mero cumprimento, antes ao Amor. *Amando cumprimos a lei*, diz S. Paulo. É o amor o cumprimento da lei. Por isso é que, para o cristão, é importante o discernimento, isto é: procurar qual ação me aproxima mais do Senhor para que possamos agir não só em conformidade com a lei, mas sempre por amor.

Seg, 3 – S. GREGÓRIO MAGNO (Memória)

1 Cor 2, 1-5 / Slm 118 (119), 97-102 / Lc 4, 16-30

Nenhum profeta é bem recebido na sua terra. (Evang.)

O texto é estranho porque, PRIMEIRO, diz que todos davam testemunho em seu favor, mas depois já estavam todos furiosos. Seja como for, Jesus acabou por não cair bem e foi expulso da cidade. Jesus não pertencia à elite intelectual, era bem conhecido de todos e por isso não podia fazer prodígios. Temos que nos precaver contra isso. Contra o excesso de familiaridade com Jesus. Temos que estar abertos às surpresas com Jesus. Hoje, o leitor reze para estar aberto às surpresas de Jesus.

Ter, 4 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1 Cor 2, 10b-16 / Slm 144 (145), 8-14 / Lc 4, 31-37

Todos se encheram de assombro. (Evang.)

Todos se encheram de assombro porque estavam abertos às surpresas que a presença de Jesus nas suas vidas significou naquela altura. Jesus, Deus Pai, o Espírito Santo podem significar muitas (algumas) surpresas na vida do leitor. Podem dar-lhe sinais, podem «falar»-lhe, comunicar com o leitor se o leitor estiver atento, se se abrir a isso, se tiver períodos de silêncio na sua oração. (Claro que não é automático.) Hoje, peça a Deus essa graça.

Qua, 5 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1 Cor 3, 1-9 / Slm 32 (33), 12-15.20-21 / Lc 4, 38-44

De muitos deles saíam demónios, que diziam em altos gritos: «Tu és o filho de Deus». (Evang.)

Os demónios queriam estragar a vida a Jesus. Queriam anunciar que Ele era o Messias e assim as pessoas aclamá-Lo-iam segundo a maneira dos demónios, como um rei temporal cheio de força e poder. Jesus não queria poder humano. Só queria o poder que Lhe vinha do Pai. Quando chegou a hora do poder humano, submeteu-Se e não teve guardas que lutassem contra os guardas judeus (cf. *João* 18, 36). Hoje, o leitor peça a graça de não ser violento (ou virulento) quando «atacado».

Qui, 6 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM

1 Cor 3, 18-23 / Slm 23 (24), 1-4ab.5-6 / Lc 5, 1-11

... sou um homem pecador. (Evang.)

Peçamos a Cristo que, a exemplo do que fez com Pedro, nos mostre o nosso pecado. Os prodígios que Jesus fez tornaram Pedro mais consciente do seu pecado. Pouco a pouco, o coração de Pedro ia-se aproximando do Mestre. Também o nosso assim deve fazer. Devemos seguir Pedro. Pedir-lhe que seja o intermediário da graça de contemplarmos o nosso pecado para mais o aborrecermos e mais dele nos afastarmos. Peçamos a Jesus essa graça com muita intensidade.

Sex, 7 – SEMANA XXII DO TEMPO COMUM / 1ª SEXTA-FEIRA

1 Cor 4, 1-5 / Slm 36 (37), 3-6.27-28.39-40ac / Lc 5, 33-39

O [vinho] velho é que é bom. (Evang.)

Nós devemos deixar que Deus nos torne no seu vinho velho. Que Deus nos transforme para «sabermos» melhor. A vida vai-nos transformando, independentemente de nós quereremos ou não. Cabe-nos a nós apanharmos esse fluxo para amarmos com mais qualidade, para irmos estando na vida com cada vez mais qualidade e subindo cada vez mais a nossa montanha. O que é para o leitor estar na vida com mais qualidade?

Sáb, 8 – NATIVIDADE DA VIRGEM SANTA MARIA (Festa)

Rom 8, 28-30 / Slm 12 (13), 6ab.6cd / Mt 1, 18-23

Nós sabemos que Deus concorre em tudo para o bem daqueles que O amam. (1ª Leit.)

Se continuarmos a ler o texto, vemos que S. Paulo se referia ao nosso interior. Querido leitor, aqui eu só posso falar por mim. O que me aconteceu acabou por ser bom para mim. Mas conheço pessoas que sofreram muito – e outras (ou as mesmas) que sofrem muito – que não sei como é que o seu sofrimento «concorre para o seu bem». Cada um tem o seu caminho de fé. Hoje, o leitor peça que as pessoas que sofrem muito consigam encontrar Deus no seu sofrimento.

Dom, 9 – DOMINGO XXIII DO TEMPO COMUM – Ano B

Is 35,4-7a / Slm 145 (146), 7-10 / Tg 2, 1-5 / Mc 7, 31-37

A religião cristã não é a religião do Livro. Não estamos ligados à força do literalismo daquilo que está escrito na Escritura, mas somos a religião da Palavra e da escuta, isto é, da comunhão! Seguimos uma Pessoa e não simplesmente um conjunto de ideias. Somos seguidores de Jesus Cristo e a es-

cuta da sua palavra presente na Bíblia guia-nos até Ele. Por isso, um surdo-mudo, como aquele que o Evangelho hoje nos apresenta, é símbolo do mal que nos impede de escutar Aquele que é Palavra.

A passagem imediatamente anterior a esta mostra-nos uma mulher, ainda por cima uma es-

trangeira, que escuta de Jesus a palavra «*vai, a tua filha está curada*» e, acreditando, dirige-se a sua casa para encontrar a filha curada. Vemos, em contraste, nessa passagem, como os discípulos não compreendem o que se está a passar: ouvem a palavra, mas não a compreendem. O milagre apresentado no Evangelho de hoje, como todos os milagres relatados na Escritura, tem um significado que vai para além da mera cura de uma doença: há alguma coisa que Jesus nos quer dizer para lá do que pode ser evidente. *Somos todos surdos!* Temos todos uma surdez seletiva. Tantas vezes ouvimos só aquilo que nos interessa e, mesmo sem que nos apercebamos, filtramos tantas coisas daquilo que nos é dito. Na nossa vida só podemos *dar* aquilo que de alguma maneira tivermos recebido, só podemos *dizer* aquilo que tivermos *escutado*. O Senhor quer curar-nos das nossas surdezes para O podermos reconhecer na nossa vida. Ele é o Médico que nos cura de tudo aquilo que nos impede de O escutarmos e de O reconhecermos.

Há muitas surdezes e cegueiras na nossa vida e a segunda leitura coloca-nos diante de uma grave cegueira que nos pode acontecer: avaliar as pessoas pela sua aparência. S. Tiago recorda-nos que Deus não faz aceção de pessoas e chama-nos à atenção para que não aconteça o mesmo entre nós. Diz-nos S. Tiago: se, por exemplo, entrar alguém bem vestido numa nossa celebração e lhe dissermos: «vem para aqui, para a primeira fila, para um bom lugar», e em seguida entrar uma outra pessoa, mal vestida e com mau aspeto, e lhe dissermos: «tu, vai lá para o fundo porque não há lugares cá à frente», estamos a julgar com base na aparência. Isto é, certamente, sinal de que estamos a escutar só aquilo que nos interessa quando ouvimos a Palavra; é sinal de uma surdez seletiva que nos impede de reconhecer o Senhor nos nossos irmãos.

«*Efatá!*», diz Jesus a todos nós. «*Abre-te!*». Que os nossos ouvidos se abram à escuta da Palavra; que a nossa língua se solte; que a nossa vida proclame que o Amor está vivo.

Seg, 10 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

1 Cor 5, 1-8 / Slm 5, 5-6a.6b-7.12 / Lc 6, 6-11

Vós não sois um Deus que se agrade do mal. (Salmo)

«O perverso não tem aceitação junto de Vós». Já temos agradecido a Deus as suas maravilhas na natureza. Hoje, vamos agradecer a Deus a sua bondade e o facto de termos a certeza de que, no fim dos tempos, o Bem triunfa sobre o Mal. O leitor repare que Deus podia deixar isso às nossas forças. Como isso não seria angustiante! Mas temos toda a corte celestial por nós. E o mundo, o mundo tem progredido muito, como explica o livro «O Otimista Racional», que eu aconselho ao leitor. Hoje, o leitor agradeça a Deus o «estar por nós».

Ter, 11 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

1 Cor 6, 1-11 / Slm 149, 1-6a.9b / Lc 6, 12-19

... deteve-se num sítio plano, com numerosos discípulos e uma grande multidão. (Evang.)

Hoje, vamos pedir para que os discípulos de Jesus aumentem de número. Para que os indecisos ou os decididos que não têm coragem de descolar do seu grupo de ateus tenham essa coragem. Um grupo de amigos ateus pode ter uma influência enorme numa pessoa que gostava de aderir à nossa Igreja. Mas tem medo de perder os seus amigos. Hoje, o leitor reze por essas pessoas.

Qua, 12 – SEMANA XXIII DO TEMPO COMUM

1 Cor 7, 25-31 / Slm 44 (45), 11-12.14-15.16-17 / Lc 6, 20-26

Bem-aventurados sereis quando... (Evang.)

«Vos rejeitarem e insultarem (...) por causa do Filho do homem. Alegri-vos, porque é grande no Céu a vossa recompensa». Isto tanto se aplica a uma situação comezinha, como a uma conversa num ambiente adverso, como aos mártires presos por esse mundo fora. Hoje, não vamos rezar pelos mártires. Vamos rezar pelas pessoas como nós, que têm conversas em ambientes adversos, para que tenham coragem de defender as suas posições católicas e estejam bem informadas.

Qui, 13 – S. JOÃO CRISÓSTOMO (Memória)

1 Cor 8, 1b-7.11-13 / Slm 138 (139), 1-2.3b.13-14ab.23-24 / Lc 6, 27-38

Digo-vos a vós que Me escutais... (Evang.)

Se o leitor pedir a Deus que Se comunique consigo, vai ver que alguma coisa acontecerá, se é que não aconteceu já. Depois, o problema pode ser o leitor querer saber se «aquilo» foi Deus ou não. Isso consegue-se com a experiência. As dúvidas talvez nunca desapareçam ou talvez desapareçam completamente. O leitor verá. Não é preciso ser santo para isto acontecer. Hoje, o leitor reze para que Deus Se comunique consigo.

Sex, 14 – EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ (Festa)

Num 21, 4b-9 / Slm 77 (78), 1-2.34-35.36-37.38 / Jo 3, 13-17

Mas Deus, compadecido, perdoava o pecado (...) e não executava toda a sua ira. (Salmo)

Já não vemos Deus assim. Já não temos um Deus em que a parábola do filho pródigo é a parábola do pai que desiste do castigo que tinha preparado para o filho quando o vê chegar a casa e o recebe outra vez com os mesmos direitos do outro. E nós todos diríamos «que bom pai aquele, que não levou em conta as faltas do seu filho». Mas o nosso Deus deu uma grande festa, em vez de Se concentrar nos pecados do filho, em vez de o recriminar. Hoje, agradeçamos este Deus.

Sáb, 15 – NOSSA SENHORA DAS DORES (Memória)

Heb 5, 7-9 / Slm 30 (31), 2-6.14-16ab.20 / Jo 19, 25-27 (do Santoral)

Eis a tua Mãe. (Evang.)

A fé em Nossa Senhora é uma fé maravilhosa. Outro dia, alguém comentava comigo que uma pessoa com uma vida desregrada vai a Fátima. Há em Fátima algo que atrai as pessoas, mesmo as que andam afastadas da religião, como é este caso. Não sei o que é que essa pessoa vai lá fazer. Talvez veja Nossa Senhora como uma mãe que tudo compreende. (O que é diferente de tudo aprovar.) Talvez vá pedir para não ir para o inferno. Talvez vá pedir conselho. Talvez... Talvez. Rezemos pelos grandes pecadores que vão a Fátima.

Dom, 16 – DOMINGO XXIV DO TEMPO COMUM – Ano B

Is 50, 5-9a / Slm 114 (116), 1-6.8-9 / Tg 2, 14-18 / Mc 8, 27-35

Quem sou Eu para ti? Esta é a pergunta a que todos nós somos chamados a responder no concreto da nossa vida. Nas passagens anteriores, muitos se questionavam acerca de quem seria Jesus. Agora é Ele quem pergunta aos discípulos o que pensam d'Ele. Enquanto não nos fizermos esta pergunta, «quem é Jesus para mim?», ainda não começamos verdadeiramente o caminho do discípulo; ainda não percebemos nada de quem é Jesus Cristo. Começamos a compreender alguma coisa sobre o Senhor quando nos colocamos esta questão: *quem és Tu para mim*.

O Papa Francisco, comentando esta passagem, disse que se conhece Jesus seguindo-O e não simplesmente pelo estudo de uma doutrina. «É uma vida de discípulo, mais do que uma vida de estudioso, que permite a um cristão conhecer realmente quem é Jesus para ele». Pedro é um destes homens que segue Jesus na sua vida. Não se fica por teorias e mete-se a caminho, seguindo Jesus. Por isso, diante desta pergunta, responde: «Tu és o Messias». Mas Jesus não lhe dá um grande elogio por ter dado esta resposta, antes *repreende-os severamente* para que não o digam a ninguém.

Os discípulos, representados por Pedro, deram uma boa resposta,

mas ainda não podem perceber o alcance do que acabaram de profetizar. Jesus não é o Messias, o Cristo que eles esperavam. Por isso, logo em seguida, Jesus anuncia que o «Filho do Homem» terá de sofrer muito e ser crucificado. Este Salvador não estava nos planos dos discípulos, que esperavam um libertador poderoso. Para que Pedro possa compreender o que acabou de afirmar terá de fazer muita estrada com o Senhor, ver os seus milagres, escutar a sua palavra, passar por tantas incompreensões e chegar à negação de ter conhecido Jesus. Neste momento da negação, Pedro aprendeu, como diz o Papa Francisco, «a difícil sabedoria das lágrimas».

Esta pergunta que o Senhor hoje nos coloca não é teórica. Não podemos chegar a uma resposta desligando-a da nossa vida concreta. Pedro só poderá compreender a resposta que deu depois de um longo percurso de pecado e perdão, até descobrir o rosto misericordioso de Deus que é Pai. Somos chamados a seguir Jesus, é certo, com as nossas virtudes, mas também com os nossos pecados. Com tudo aquilo que constitui a nossa verdade. Nada pode ser excluído.

É necessário um encontro com o Senhor no nosso quotidiano, no

comum da nossa vida, isto é, somos todos convidados a deixá-Lo entrar nas nossas alegrias e nas nossas tristezas, nas nossas vitórias e nas nossas derrotas; deixá-Lo entrar naquilo que gostamos em nós e naquilo que preferíamos não ver em nós.

Conhecer Deus é, sem dúvida, um dom do Pai, ação do Espí-

rito Santo em nós, mas requer da nossa parte um seguimento concreto de uma pessoa concreta que é Jesus Cristo. Não basta saber coisas sobre Ele, é preciso que a nossa vida vá, a pouco e pouco, sintonizando com a vida de Cristo. Então compreenderemos o que significa dizer: «Tu és o Messias».

Seg, 17 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Cor 11, 17-26.33 / Slm 39 (40), 7-8a.8b-10.17 / Lc 7, 1-10

Isto é o meu corpo entregue por vós. (1ª Leit.)

Hoje, na Primeira Epístola aos Coríntios, S. Paulo repete as palavras de Jesus na última ceia e acrescenta mais algumas que serão introduzidas na Missa. O que hoje proponho ao leitor é que ponha um lembrete no telemóvel para, na próxima missa de domingo (ou outra), estar particularmente atento à parte da consagração. Às vezes, estamos um bocadinho distraídos e a consagração, apesar de nos ajoelharmos (ou não), passa-nos um bocadinho ao lado. Ora, a consagração é, talvez, a altura mais importante da Missa.

Ter, 18 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Cor 12, 12-14.27-31a / Slm 99 (100), 2-5 / Lc 7, 11-17

... o Senhor compadeceu-Se. (Evang.)

Peçamos a Deus que Se compadeça de nós e nos ajude no nosso trabalho. Acho que, nestes anos, que já são bastantes, nunca pedimos pelo nosso trabalho. E como hoje estou a ter um bocadinho mais de dificuldade do que ontem em fazer estes comentários, lembrei-me de pedir pelo nosso trabalho – o do leitor e o meu. Haverá leitores reformados, mas também têm as suas ocupações. Pedimos por elas também, pelo seu bom sucesso.

Qua, 19 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Cor 12, 31 – 13, 13 / Slm 32 (33), 2-5.12.22 / Lc 7, 31-35

Veio João Batista, que não comia nem bebia vinho, e vós dizeis: «Tem o demônio com ele». (Evang.)

«Veio o Filho do homem...». No fundo, os «homens desta geração» não estavam contentes com nada. Jesus fala em sabedoria. Estarmos contentes com a nossa sorte é uma grande sabedoria. De não estarmos contentes com a nossa sorte pode vir o progresso. Mas estarmos contentes com a nossa sorte é não estarmos revoltados, não estarmos zangados, não estarmos ressentidos. Estarmos em paz. Aí, já podemos sonhar com sabedoria. Peçamos a graça de sabermos sonhar com sabedoria.

Qui, 20 – SS. ANDRÉ KIM TAEGON, PAULO CHANG HASANG E COMPANHEIROS MÁRTIRES (Memória)

1 Cor 15, 1-11 / Slm 117 (118), 1-2.16ab-17.28-29 / Lc 7, 36-50

Um fariseu convidou Jesus para comer com ele. (Evang.)

Jesus perdoa os pecados de uma mulher. Também nós devemos perdoar os pecados das pessoas, isto é, ou «pôr água na fervura» ou não dizer mal. O Papa diz que um dos sinais de uma pessoa ser santa é não dizer mal de ninguém. A nossa vocação deve ser não deixar que as pessoas à nossa volta sejam maldizentes. Claro que é difícil calá-las. É difícil virarmo-nos para as pessoas e dizer «estejam calados». Mas, às vezes, há maneiras mais subtis de se fazer isso. O leitor seja um apóstolo de não se dizer mal.

Sex, 21 – S. MATEUS (Festa)

Ef 4, 1-7.11-13 / Slm 18 A (19 A), 2-5 / Mt 9, 9-13

Ide aprender o que significa: «Prefiro a misericórdia ao sacrifício». (Evang.)

Jesus referia-Se aos sacrifícios feitos no templo, não se referia aos sacrifícios que nós fazemos. Mas vou dar ao leitor um exemplo concreto. Imagine um senhor que todas as quaresmas deixa de comer doces, que é uma coisa de que ele gosta muito. Mas nunca põe a roupa suja no cesto

da roupa suja, para grande tristeza da mulher. O que é que seria um sacrifício maior? Eu acho que o sacrifício deve ser feito por amor.

Sáb, 22 – SEMANA XXIV DO TEMPO COMUM

1 Cor 15, 35-37.42-49 / Slm 55 (56), 9ab.10-14 / Lc 8, 4-15

«*Outra parte caiu em terreno pedregoso...*». (Evang.)

Dentro há um terreno a que podemos tirar os espinhos e as pedras. É o trabalho de uma vida, mas também é um trabalho muito bonito porque as coisas que dantes nos custavam deixam de nos custar (do ponto de vista espiritual). E vamos olhando para trás e vendo que a maior parte do nosso terreno já é terreno limpo. Hoje, peçamos a graça de termos força e habilidade para tirar as pedras do nosso terreno, para a semente ter bom terreno onde cair.

Dom, 23 – DOMINGO XXV DO TEMPO COMUM – Ano B

Sab 2, 12.17-20 / Slm 53 (54), 3-6.8 / Tg 3, 16 – 4, 3 / Mc 9, 30-37

«O Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos homens que O hão de matar». Este é o segundo anúncio da paixão de Jesus e, embora Ele seja muito claro, os discípulos não compreendem o que Ele diz e, ainda pior, ficam com medo de Lhe fazerem perguntas. Porquê este medo?

Curiosamente, o Evangelho diz que chegaram «a casa». Estão em Cafarnaum e esta será possivelmente a casa de Pedro, a mesma casa onde curou a sogra de Pedro da sua febre, libertando-a para servir. Agora são os discípulos que têm uma «febre», certamente não é

uma febre no corpo, mas uma «febre» que os impede de ver a realidade como ela é verdadeiramente. Embora não tivessem compreendido o anúncio da paixão, estavam com medo de fazer perguntas. Há alguma coisa que os impede de falar. É curioso que na passagem anterior temos a cura de um «espírito surdo-mudo» que impedia um homem de falar; agora temos os discípulos com medo de falar.

Jesus pergunta-lhes: *Que discutíeis no caminho?* É desconcertante: Jesus estava a anunciar a sua paixão e eles falavam acerca de quem de entre eles seria o maior. Discutiam

quem era o mais importante, o chefe! Jesus fala de Amor. Esta é sempre a sua palavra. Amor e humildade. Os discípulos, procurando perceber quem é o maior, falam de egoísmo, de protagonismo. Quem anda à procura do próprio «eu», quem anda à procura de satisfazer as suas vontades todas, quem se preocupa só com as suas necessidades acaba por se perder, por perder os outros e Deus. Por estranho que possa parecer, quem quer ser grande é porque se acha pequeno, talvez insignificante e sem valor. Quem não se sente amado, não pode aceitar-se a si mesmo nem aos outros e, por isso, procura afirmar-se em relação aos outros.

Assim percebemos por que os discípulos não podem compreender aquilo que Jesus está a dizer. Não podem compreender: estão noutra! Jesus está a falar de dar a vida e eles a discutir quem é o maior. Há tantas coisas na vida que não compreendemos simplesmente porque estamos *noutra*. Por isso Jesus, vendo que eles não estão a perceber,

senta-Se, assumindo a posição do mestre que fala, toma uma criança nos braços e mostra-lhes o que significa ser o *maior* à luz do amor: «Se alguém quiser ser o primeiro, há de ser o último de todos e o servo de todos». Esta é a liberdade do Amor, a liberdade de quem se faz último, a liberdade de quem se está a tornar *semelhante* a Deus.

A criança é o Homem não realizado, o último. É, sobretudo, o não autossuficiente, que não se basta a si mesmo, que tem necessidade dos outros, que recebe tudo e tudo acolhe gratuitamente porque, mesmo que quisesse pagar, não tem nada com que pagar. Representa a nossa condição de criaturas. Jesus pega na criança e diz-nos que é isto que precisamos de ser: porque frágeis, abertos ao amor de Deus. Conscientes de que não nos realizamos sozinhos, mas só uns com os outros, em Deus. Querer ser grande sozinho, pelas próprias forças, é impedimento para receber o amor, gratuitamente entregue, de Deus.

Seg, 24 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Prov 3, 27-34 / Slm 14 (15), 2.3ab.3cd-4ab.5 / Lc 8, 16-18

Tende cuidado com a maneira como ouvis. (Evang.)

A que é que Jesus Se refere? À maneira como ouvimos as coisas do Reino, porque se não ouvirmos bem, mesmo o pouco que soubermos

nos será tirado (e seremos postos fora do Reino). As «coisas do Reino» estão em toda a parte e, também, em qualquer altura. Deus fala-nos em qualquer altura. Deus fala-nos dentro de nós ou através de outras pessoas, acontecimentos, leituras espirituais ou outras, televisão, canções, enfim, Deus pode falar-nos a partir de tudo. Daí que tenhamos que ter cuidado com a maneira como ouvimos.

Ter, 25 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Prov 21, 1-6.10-13 / Slm 118 (119), 1.27.30.34.35.44 / Lc 8, 19-21

Para lá sobem as tribos. (Salmo)

Normalmente, não temos um comportamento comunitário quando vamos à missa de Domingo. Vamos à missa, talvez cumprimentemos uma ou outra pessoa e voltamos para casa. Será que, quando vamos, nos identificamos com aquela comunidade? Sentimo-nos integrados naquela comunidade? Ou vamos porque é o padre tal, ou porque a homilia é boa ou curta? Talvez isso só aconteça se as pessoas tiverem uma função específica dentro da comunidade. Hoje, o leitor reze pelo seu sentido comunitário quando vai à Missa.

Qua, 26 – SEMANA XXV DO TEMPO COMUM

Prov 30, 5-9 / Slm 118 (119), 29.72.89.101.104.163 / Lc 9, 1-6

Toda a palavra de Deus é comprovada, é um escudo para quem nela se refugia. (1ª Leit.)

Sim, na palavra de Deus temos algo de sólido e um escudo. A palavra de Deus é mais do que comprovada, é sagrada. Nós acreditamos que é de inspiração divina e também é através da ajuda do Espírito Santo que a interpretamos. Do Espírito Santo atuante na Igreja. A palavra de Deus é uma referência positiva, base para muita da nossa cultura e que nos serve de referência para nos defendermos de muitas doutrinas enganadoras.

Qui, 27 – S. VICENTE DE PAULO (Memória)

Coh 1, 2-11 / Slm 89 (90), 3-6.12-14.17 / Lc 9, 7-9

E procurava ver Jesus. (Evang.)

Herodes procurava ver Jesus. O problema de Herodes é que procurava ver Jesus como uma curiosidade. Isso não acontece conosco. Mas o que às vezes se passa é que fazemos da missa, senão uma curiosidade, uma conveniência e educamos os nossos filhos nisso. (Hoje, o comentário é para os pais.) Às vezes, os filhos só vão à missa quando a missa é a do colégio. Fora disso, não vão mesmo quando os pais (poucas vezes) vão. Porque é que a Missa não é importante para tanto católico? Hoje, rezemos por eles.

Sex, 28 – SEMANA XXV DO TEMPO

Coh 3, 1-11 / Slm 143 (144), 1a.2abc.3-4 / Lc 9, 18-22

Quem dizem as multidões que Eu sou? (Evang.)

Tal como a Pedro, faz-me, Senhor, encontrar a tua verdadeira identidade. Não me deixes ir atrás do que dizem as multidões. Ajuda-me a encontrar-Te sempre com mais verdade, sempre com um coração mais límpido, mais puro, mais despido de preconceitos e do meu pecado. Senhor, eu quero chegar a Ti, mas as traves dos meus olhos impedem-me. Remove-as, Senhor, para que eu Te possa ver tal como és. Hoje, Senhor, peço-Te esta graça.

Sáb, 29 – S. MIGUEL, S. GABRIEL E S. RAFAEL, ARCANJOS (Festa)

Dan 7, 9-10.13-14 / Slm 137 (138), 1-2a.2bc.3.4-5 / Jo 1, 47-51

«Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento». (Evang.)

Temos que nos esforçar para a nossa vida ser transparente, o nosso pensamento reto, a nossa intenção pura. A nossa consciência tem, amiúde, um nevoeiro que precisa de ser penetrado pela luz de Deus para que detetemos as nossas infidelidades de caráter, mesmo em relação a nós próprios. (Às vezes, coisas que nos propomos fazer e em que claudicamos...) Pai, ajuda-me.

Dom, 30 – DOMINGO XXVI DO TEMPO COMUM – Ano B

Num 11, 25-29 / Slm 18 (19), 8.10.12-14 / Tg 5, 1-6 / Mc 9, 38-43.45.47-48

No Evangelho de hoje, vemos como os discípulos pretendem impedir alguém de fazer o bem só porque não pertence ao grupo daqueles que seguem o Senhor. Jesus, muito prontamente, responde-lhes dizendo: «Não o proibais!». Ele bem percebe que é a inveja que os move a acusar o outro homem que estava a fazer o bem.

Pode acontecer que criemos divisões entre nós porque cada um acha que tem razão. Afirmamos a nossa razão individual e separamo-nos dos outros. Mas também pode acontecer que, em vez de um «eu» individual, defendamos um «eu» coletivo: o nós! Nós somos os bons e os outros os maus.

Aquele que ama felicita-se pelo bem dos outros, fica feliz quando alguém faz alguma coisa boa; fica feliz pelo sucesso dos outros e felicita-se quando outros se comprometem com o bem. O egoísta, por outro lado, não fica feliz com o bem realizado pelos outros, fica irritado quando os outros têm mais sucesso do que ele e arranja maneiras de reduzir o bem feito pelos outros. Para se consolar, o egoísta diz para si mesmo: «ah, esta pessoa fez o bem só para dar nas vistas», ou então: «este ajuda os pobres só para ser reconhecido». Assim, o egoísta é vítima da inveja e torna-se orgulhoso.

Ora, o egoísmo, a inveja e o orgulho podem ser individuais, mas também podem ser do grupo. É particularmente grave quando se torna egoísmo de um grupo religioso. Na verdade, os discípulos formam uma comunidade e ainda bem! É sinal de que há alguma coisa que os congrega. Também nós, enquanto Igreja, formamos uma comunidade, congregados pelo Amor de Cristo. O problema é se a nossa comunidade, em vez de ter Jesus e os seus critérios no centro da sua vida, passa a ter-se a si mesma como centro de tudo o que faz.

Estes discípulos estão preocupados porque há outros a fazerem o bem que «não são dos nossos!»! Jesus rapidamente faz com que percebam que Ele a todos abraça e a ninguém exclui. Se nós excluimos alguém, considerando-o indigno de fazer o bem, estamos a excluir o próprio Jesus Cristo, que Se fez último de todos. Se consideramos que nós somos os bons e os outros, os que não pertencem à Igreja, são os maus, então nem sequer somos católicos (universais!!!). Não somos, nem sequer, cristãos, porque não temos em nós o Espírito do Filho que por *todos* deu e dá a vida.

Quanto mais estivermos unidos a Deus, que é amor, mais estaremos unidos entre nós. Quanto

mais estivermos em Deus, menos podemos excluir os que são diferentes. O Amor une, não separa. Quando estamos muito preocupados connosco próprios, com medo de perder «terreno», com medo de perder a identidade, podemos estar a esquecer que Ele é o pastor de todos. Único é o Pastor! Único é o rebanho! O critério que nos diz a pertença a este «rebanho», que tem Cristo por pastor, é a nossa união com Ele. Podemos até pertencer à Igreja visível, mas estar longe do rebanho das ovelhas de

Cristo se, em vez de termos os seus critérios, estamos centrados em nós mesmos, nas nossas ideias, nos nossos desejos, que depois projetamos em Deus para nos justificarmos.

Peçamos a Deus a graça de sermos uma Igreja centrada em Cristo, que seja Ele o Sol em torno do qual todos orbitamos, cada um no seu lugar. Que o nosso coração se possa alegrar pelo bem, pelo sucesso dos outros, mesmo daqueles que não pertencem ao nosso «grupo».

